

ESTUDOS

Apresentação do tema Juventudes

Allene Lage e Lourival Holanda

A emergência do tema juventude surge num momento onde a longevidade parece finalmente ser alcançável. Se o futuro dilatou-se, a compressão do tempo-juventude, quase sempre percebido como efêmero e simultaneamente intenso na história das existências humanas, parece também ter se expandido, multiplicando as possibilidades das experiências sociais entrelaçadas com os desafios sociais do nosso tempo.

A questão da juventude até pouco tempo era tratada quase que exclusivamente dentro do campo da saúde e da psicologia. Com o aumento da complexidade das sociedades contemporâneas o tema juventude, diante dos desafios atuais, passou a ser encarado como um fenômeno social, suscitando uma série de novos estudos sob os mais diversos olhares. Este momento-transição, no qual o idealismo e a utopia mais fortemente habitam as mentes e corações juvenis, movendo ideias e no qual os jovens a cada geração respondem às questões de seu tempo, com novos padrões estéticos, sociais, culturais e políticos, é também um momento crucial na formação humanista dos jovens em busca de suas cidadanias.

A geração que hoje vive o momento juventude se depara com desafios em intercâmbios sociais. Nesta direção, o cenário das vivências juvenis consegue agregar dentro de um mesmo quadro social um conjunto de problemas que fazem parte do cotidiano dos jovens, especialmente daqueles grupos submetidos historicamente às violências sociais. Por isto pensamos em juventudes no plural, como uma maneira de dizer que muitas são as questões e desafios dos/as jovens da contemporaneidade.

A questão das drogas, que atualmente se traduz fortemente no crack, que tal como a heroína nos anos 1960/1970 surgiu para dizimar os jovens negros organizados¹ da periferia americana, pelo poder político que tinham conquistado na luta contra o racismo. Hoje o crack também se alastrou difusamente entre os jovens das classes populares. A heroína e o crack têm em comum a perda do controle territorial e ambas se transformaram numa droga de alto poder de destruição dos jovens de todas as classes sociais.

¹ Movimento dos Panteras Negras.

A participação política é outro desafio num momento em que a mídia concentrou nas últimas décadas um forte poder de manipulação, impondo uma percepção hegemônica do mundo da vida², criando entre os jovens uma visão deturpada do mundo e dos valores culturais e políticos. A construção cotidiana sobre a realidade contribui para uma alienação social e um fazer-político individual dos jovens. A percepção da cidadania passa a ser individual, como também a responsabilização sobre as questões do mundo. Sem experiências políticas de organização e mobilização social, o/a jovem assume os fracassos sociais, sem compreender as questões estruturais do capitalismo produtoras de exclusões, e devoradoras das possibilidades de mudança social das juventudes das classes populares. Assim, naturalizam por um lado as desigualdades sociais do mundo, e pelo outro lado, culpabilizam-se por não terem se empenhado ou sido competentes o suficiente, para mudar sua condição de inferioridade. A meritocracia torna-se o argumento social do destino imutável dos/as jovens da periferia e de suas cidadanias precárias.

Contudo a utopia dos jovens concretizada na experiência política nos movimentos sociais, nas organizações sociais locais, nos grupos de jovens das igrejas progressistas, nas atividades ligadas às artes populares ou ainda a partir dos legados políticos dentro da família tem contribuído para a formação política e para o ativismo juvenil. Este cenário permite a vivência de um processo educativo crítico e amplo na medida em que extrapola as fronteiras do ensino formal e, tem levado os jovens, especialmente das classes sociais populares, a romperem com a visão de mundo dominante, a criarem novos modelos de organização coletiva, transformando instrumentos de hegemonia – como o cinema, o teatro, a internet, a mídia, a moda – em instrumentos a favor das lutas sociais dos jovens, contra a marginalização e a produção de ausência³, a invisibilização de suas utopias e sentidos políticos na juventude.

De fato, muitas formas inovadoras de enfrentamento de problemas sociais estão sendo criadas e consolidadas nas mais diversas experiências de protagonismo juvenil. São novas linguagens que reacendem a chama revolucionária característica da juventude, enfraquecida pelas concepções dominantes de consumo, com novas inscrições de poéticas que reconstróem novos lugares do saber-fazer dos movimentos juvenis alternativos.

Assim procuramos, entre muitas, as possibilidades de trazer o tema Juventudes para reabrir esta Revista, criada por Paulo Freire e com a responsabilidade de se manter fiel às suas preocupações políticas, optamos por algumas questões entre as muitas presentes nos desafios dos jovens de construir suas subjetividades imersos nas complexidades do presente. Juventude e cidadania, participação política dos estudantes em Caruaru, a questão da escolarização dos jovens no interior de Pernambuco, as narrativas da juventude negra em Belo Horizonte, juventude e linguagem no

² Ver Habermas.

³ Ver *Sociologia das Ausências e das Emergências* de Boaventura de Sousa Santos.

hip-hop, além do trajeto histórico da juventude nas constituições brasileiras são os pontos de partida para o debate que pretendemos iniciar. Neste conjunto de vozes contamos com Teresa Cristina Esmeraldo Bezerra, Edima Verônica de Moraes, Allene Lage, Mauricio Antunes Tavares, Silvia Regina Lorenzo de Castro e Adjair Alves, Denis Antônio de Mendonça Bernardes e Juliene Tenório de Albuquerque.

Mirar os jovens é olhar para um cenário repleto de insurgências e reinvenções do e no tempo-juventude. Foi este tempo-complexo com uma transitoriedade menos fugaz que nos despertou a curiosidade de organizar alguns textos que dessem conta de iniciar um debate sobre as juventudes em nossas sociedades. Longe de pretender contemplar toda a complexidade de questões, relacionados com o tema central deste número da Revista de Estudos Universitários, queremos antes dizer que nós educadores/as reafirmamos o nosso compromisso com os/as jovens, na procura de construir com eles e elas novas maneiras de fortalecer suas lutas, de enfrentar os seus dilemas, ansiedades e descobertas, especialmente aqueles/as que no cotidiano da nossa Universidade nos interrogam a olhar e a pensar um mundo diferente.

Recife, Primavera de 2010

